



REVISTA TERCEIRO INCLUÍDO

ISSN 2237-079X

Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos

V. 10 - 2020

Miguel Almir Lima de ARAÚJO

Dos Sentidos De Poética/O. O Estado Poético

pp. 75-92

DOI: [10.5216/teri.v10i1.66044](https://doi.org/10.5216/teri.v10i1.66044)

DOS SENTIDOS DE POÉTICA/O. O ESTADO POÉTICO

THE SENSES OF POETICISM. THE POETIC STATE

DE LOS SENTIDOS DE POÉTICA/O. EL ESTADO POÉTICO

Miguel Almir Lima de ARAÚJO¹

La experiencia poética es un abrir las fuentes del ser.

Octavio Paz

Viver poeticamente significa viver intensamente a vida.

Edgar Morin

É no entanto poeticamente que o homem habita esta terra.

Hölderlin

Resumo

O texto apresenta a/o Poética/o como estado de dis-posição, de abertura dos sentidos perceptivos, da consciência compreensiva, do laço da sensibilidade e da espiritualidade para uma forma de compreensão e de fruição dos fenômenos humanos, do existir e do coexistir humanos a partir do viger da poíesis. Ou seja, dos modos originários e originantes em que jorra o vigor seminal destes fenômenos, do existir, que potencializam o emergir de nossos fazeres e criares. A Poética, visceralmente, implica no despontar do fulcro germinal, impulsiona a insurgência das sendas abertas, do inaugural; a eclosão do extraordinário, o constelar da “eterna novidade do mundo”. O prisma da Poética, ao entrelaçar Pathos e Logos, suscita o despontar dos fluxos do espanto e da admiração, da perplexidade e das inquietações que nos interpelam, movem e insuflam no trilhar as dobras e curvas das travessias, dos laços das encruzilhadas que atravessamos impelidos pelas intensidades dos desafios de nosso ser sendo no mundo com os outros. Potencializa a abertura do corpo e do espírito, do corpoespírito – do “logos poético” – para o insurgente, o imprevisível e o surpreendente; para o pluriverso dos Sentidos humanos. Dispõe-nos para as proezas agrídoces da tragicomicidade do existir. Desse modo, nos adentra nos meandros dos paradoxos e imponderáveis da complexidade humana, nos flancos de suas ambiguidades e incertezas, contradições e tortuosidades. O trançado da Poética, do estado poético, insufla a ruptura do anestésico que comprime e homogeneiza, e fomenta a plasticidade do estético caracterizada pela expressão do jogo sincopado, da fluidez do movimento, do impulso lúdico, da imaginação criante, dos lampejos da policromia. Nesse rumo, podemos perceber, compreender e fruir os fenômenos, a vida, desde o seu pulsar originário, na movência de seu dinamismo, de suas obliquidades e de sua vivacidade com todos os sentidos juntos, interligados. Assim, estabelecemos com o mundo, com o viver contingente, uma relação pregnante/orgânica e anímica/simbólica em que penetramos na cromaticidade das intensidades e das extensidades dos núcleos das experiências, dos laços que nos entrelaçam uns com os outros movidos por nosso ser sensível e espiritualoso.

Palavras-chave: Sentidos; Poética/Poético; Dis-posição; Sensibilidade; Espiritualidade.

Abstract

The text presents Poetics as a state of dis-position, openness of perceptive senses, understanding consciousness, the bond of sensitivity and witticism to a way of understanding and enjoying human phenomena, of existing and coexisting human beings from the viewpoint of poíesis. In other words, in the original and originating ways in which the seminal vigor of these phenomena gushes, of existing, which potentiate the emergence of our actions and creations. Poetics, viscerally, implies the emergence of the germinal fulcrum, propels the insurgency of the open paths, of the inaugural one; the outbreak of the extraordinary, the constellation of the “eternal novelty of the world”. The Poetics prism, by intertwining Pathos and Logos, raises the appearance of the streams of astonishment and admiration, of perplexity and uneasiness that question, move and inflate us while treading the folds and curves of the crossings, of the crossroads that we cross impelled by the intensities of the challenges of our being in the world with others. It enhances the opening of the body and the spirit, the body-spirit, - the “poetic logos” - for the insurgent, the unpredictable and the surprising; for the pluriverse of human Senses. It urges us on the bittersweet achievements of the tragicomicity of existing. Thus, it touches us in the intricacies of paradoxes and imponderables of human complexity, in the flanks of its ambiguities and uncertainties, contradictions and tortuousness. The weaving of the Poetics, of the poetic state, inflates the rupture of the anesthetic that compresses and homogenizes, and promotes the plasticity of the aesthetics characterized by the expression of the syncopated game, the fluidity of the movement, the playful impulse, the child's imagination, the flashes of polychromy. In this direction, we can perceive, understand and enjoy the phenomena,

¹ Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. Doutor em Educação. Coordena o Núcleo de Investigações Transdisciplinares-NIT. E-mail: malmir2@gmail.com

life, from its original pulse, in the movement of its dynamism, its obliquities and its liveliness with all the senses together, interconnected. Hence, we establish with the world, with a contingent living, a pregnant/organic and soul-related/symbolic relationship in which we penetrate the chromaticity of the intensities and extensions of the nuclei of the experiences, of the bonds that intertwine us with each other driven by our sensitive and witty being.

Keywords: Sense; Poetics; Dis-position; Sensibility; Witticism.

Resumen

El texto presenta la/el Poética/o como estado de dis-posición, de apertura de los sentidos perceptivos, de la conciencia comprensiva, del lazo de la sensibilidad y de la espiritualidad para una forma de comprensión y de disfrute de los fenómenos humanos, del existir y del coexistir humano a partir del vigor de la poésis. O sea, de los modos originales y originarios en que brota el vigor seminal de estos fenómenos, del existir, que potencializan el emerger de nuestros hechos y creaciones. La Poética, visceralmente, implica el despuntar del núcleo germinal, impulsa la insurrección de las sendas abiertas, del inaugural; la eclosión del extraordinario, el constelar de la "eterna novedad del mundo". El prisma de la Poética, al entrelazar Pathos y Logos, suscita el despuntar de los flujos del espanto y de la admiración, de la perplejidad y de las inquietudes que nos interpelan, mueven e inflan en las pistas recorridas de los pliegues y curvas de los cruces, de los lazos de las encrucijadas que atravesamos impulsados por las intensidades de los desafíos de nuestro ser siendo en el mundo con los otros. Potencializa la apertura del cuerpo y del espíritu, del cuerpo espíritu, - del "logos poético - para lo insurgente, lo imprevisible y lo sorprendente; para lo pluriverso de los Sentidos humanos. Nos dispone para las proezas agrídulces de la tragicomicidad del existir. De ese modo, nos adentra en los meandros de las paradojas e imponderables de la complejidad humana, en los flancos de sus ambigüedades e incertidumbres, contradicciones y tortuosidades. El trenzado de la Poética, del estado poético, insufla la ruptura de lo anestésico que comprime y homogeniza, y fomenta la plasticidad de lo estético caracterizada por la expresión del juego sincopado, de la fluidez del movimiento, del impulso lúdico, de la imaginación creativa, de los destellos de la policromía. En ese rumbo, podemos percibir, comprender y disfrutar los fenómenos, la vida, desde su latir originario, en la movilidad de su dinamismo, de sus oblicuidades y se su vivacidad con todos los sentidos juntos, interconectados. Así, establecemos con el mundo, con el vivir contingente, una relación corpórea/orgánica y anímica/simbólica en que penetramos en la cromaticidad de las intensidades y de las extensiones de los núcleos de las experiencias, de los lazos que nos entrelazan unos con los otros movidos por nuestro ser sensible y espiritual.

Palabras-clave: Sentidos; Poética/Poético; Dis-posición; Sensibilidad; Espirituosidad

Diante de um mundo configurado pela prevalência de paisagens expressivamente sombrias e marcadas pela predominância dos paradigmas da racionalidade técnica, do pensar calculista, da funcionalidade do pragmático, das lógicas monossêmicas e monológicas, da tirania do produtivismo, parece até estranheza e impertinência falar de e meditar sobre a/o Poética/o. Como parece que o cuidado com o humano ainda é possível, que a busca da compreensão da complexidade humana ainda é primordial, que o cuidado com a sensibilidade e com a espiritualidade, com a boniteza e com a dignidade humanas ainda é imprescindível, ousou tratar, nesse texto, do espectro da/o Poética/o, do estado poético.

No cotidiano de nossos existires, das relações interpessoais e sociais, nas diversas instâncias e instituições que regulam a sociedade, com seus múltiplos agenciamentos, tem predominado formas diversificadas de pragmatismos e de utilitarismos que são operados pelos formatos das lógicas funcionais e instrumentais. Essas lógicas tendem a reduzir nossos existires, as relações de coexistência entre as pessoas à voracidade desses modelos homogeneizantes e calculistas que incidem na coisificação do humano em que passamos a ser convertidos em artefatos, em objetos calculáveis e em coisas mercantilizáveis.

Nessa esfera, o regime do quantitativo - do ter -, do cálculo, do utilitário, que tende a nos confinar na órbita do instinto vegetativo e produtivo, reina com a força de seu poder austero. A quantitatividade do ter exerce supremacia e asfixia a presença da qualitatividade do ser. O significado, que se processa e se projeta mais especificamente na ordem da lógica, da técnica, do operacional, do mensurável, impera, em detrimento do Sentido que inclui o significado, se plasma e se processa no orbe do existencial - do ser -, do simbólico, dos valores humanos primordiais, da espiritualidade humana.

No decurso do texto utilizo o vocábulo Sentido tanto com inicial maiúscula como com minúscula. Sentido com inicial maiúscula refere-se à dimensão ontológica e existencial, portanto, conotando fulcros estruturantes, horizontes primordiais. A inicial minúscula alude ao conjunto do diversos sensos perceptivos, a múltiplas direções e conotações.

As hegemonias da ordem do saber instrumental e funcional reduzem este aos formatos de uma fôrma insípida e predeterminada com sua funcionalidade mecânica. Desse modo, o saber perde seu vínculo etimológico como termo originado da palavra latina *sápere* que conota sabor, gosto, convertendo-se em recurso operatório de cunho meramente formal e lógico desprovido de contextualidade, de relação direta com as intensidades dos influxos do existir cotidiano. Forja-se um saber linear e funcional destituído de gosto, dos sabores e dissabores da vida vivida com seus encurvamentos e tensionamentos demasiadamente humanos.

Nessas esferas, também exerce presença bastante expressiva e determinante nos repertórios dos saberes instituídos, dos modelos instalados, os ditames do saber iluminista que se constitui desde os emblemas da racionalidade moderna. Dessa racionalidade prevalece a vertente que se estabelece sob os auspícios do poder da razão analítica com suas propriedades lógica e formal e, que, de modo uniformizante, se estatui como única via de produção de conhecimento, como única possibilidade de entendimento e de elucidação da verdade. Circunscrito aos parâmetros do mensurável, do calculável e do controlável, esse modelo uniforme pretende reduzir a complexidade da vida e das culturas humanas apenas à sua esfera retilínea e lógico-formal, desconsiderando as dimensões intuitivas, imaginárias e sensíveis, os paradoxos, os imponderáveis, as indeterminações, as incertezas.

Nos últimos anos os vocábulos Poética e Poético passaram a ser mais utilizados tanto em pesquisas, na produção de textos ensaísticos, como em palestras/conferências, entre outros. Por um lado, considero esse fenômeno bastante alvissareiro e potente na perspectiva de construção de uma gramática discursiva, de modos de estruturação e de enunciação de ideias e de construção de saber, de conhecimento que pretendem trazer tons vigorosos, polissêmicos e alargantes a estes. Por outro lado, como é relativamente comum em nosso cotidiano, há grandes riscos de redução desses vocábulos a modismos e clichês que podem esvaziar as intensidades de seus significados e Sentidos.

Os vocábulos Poética e Poético lançam, curiosamente, as vertentes do feminino e do masculino; originam-se, etimologicamente, dos termos grego *poíesis*, *poiein* que se traduzem em criar, em fluxos de criação, em fazer surgir, fazer eclodir. De modo amplo, *poíesis* conota um fazer criante imbuído de sensibilidade e de espiritualidade; revela a emergência do vigor originário, a vigência do novo em sua força e pulsão vital; o estado nascente do ser, das coisas, de modo vívido; o fazer visceral, imbuído de plasticidade e de elã vital. Implica numa fruição sensível dos fenômenos do existir e do coexistir humano.

Nesse rumo, o fazer da *poíesis* ultrapassa o âmbito do mero fazer instintivo, material e técnico, com suas características utilitárias e funcionais, adstrito ao campo do significado, e projeta-se no campo do imaterial e do simbólico ao revelar o transcendente, o espiritual, os valores e Sentidos. Assim, a/o Poética/o ultrapassa a esfera da monossemia, da linearidade, da uniformidade e se instala nos umbrais da polissemia, da curvilinearidade e da pluriformidade em que corpo e espírito copulam in-

tensivamente. Leyra (1995, p. 37) considera que “*Poiesis* implicaria, em consequencia, acción, pensamento poetizante; un pensamento activo, creador, que no remite a instancias absolutas”. O pensar e o agir poetizante, eivado de Poética/o, revela-se no dinamismo de seus influxos criantes e contextuais em consonância com o fremir da relatividade de cada instante, de cada fenômeno e dobra existencial.

As ideias que explico neste texto jogam, fazem uma torção entre as conotações de substantivação e de adjetivação dos termos Poética e Poético abordando estes no limiar que interliga ambos numa visada de substantivação adjetivada e de adjetivação substantivada. Não circunscrevem-se às concepções de Poética/o que perfazem o eixo temático da Crítica de Arte ou da Crítica literária, dos campos ensaísticos que projetam análises críticas acerca das linguagens de Arte. Também não descambam pela vertente que concebe Poética como “ciência do fazer poético” (GUIMARÃES, 2014, p. 3) na perspectiva da Poética de Aristóteles que estabelece e evidencia gêneros, critérios e dispositivos formais que devem reger as estruturas dos fazeres artísticos. Obviamente que considero esses campos como imprescindíveis e significativamente relevantes e pertinentes dentro de suas esferas e especificidades.

As ponderações que lanço também pretendem ir além das representações conceituais fixas, abstratas e descontextualizadas da nervura do viver cotidiano instituídas pelos modelos teóricos convencionalmente formatados pelos quais, de modo predominante, vemos o mundo. Esses modelos, de modo geral, representam o real a partir da prevalência de formatos, de formas fôrmas que pretendem reduzir este real aos seus parâmetros fechados que o asfixiam em seus ritmos e movimentos, em suas ondeações e imprevisões. Essas representações formais se distanciam da e até denegam a complexidade e as intensidades dos fluxos tensoriais, das dobras e curvas, dos inusitados e imponderáveis dos fenômenos, da vida. Tendem a reduzir esses fenômenos apenas às suas extensidades, à ordem fixa do ordinário comprimindo as potências do extraordinário atinentes aos acontecimentos e fazeres humanos; a confinar estes em formas fôrmas emplastadas que domesticam as intensidades do seu dinamismo movente e originário. A/o Poética/o procura ultrapassar a indigência dessas formas fôrmas, com sua fixidez compressiva, insuflando o emergir das potências das formas abertas e moventes.

Desse modo, a compreensão e a fruição de Poética/o implica numa forma disforme de relação mais aproximada e direta com o pulsar do coração das experiências vividas, com os influxos e deambulações dos acontecimentos e das contingências, com as dobras e encurvamentos que perfazem a complexidade da vida. Glissant (2005) realça que a Poética nos possibilita uma relação direta e visceral com o “caos-mundo” (GLISSANT, 2005, p. 4). Ou seja, a visão, o olhar, o horizonte da Poética potencializa um envolvimento orgânico e prenante com a *tragicomicidade* da vida, com os fenômenos do mundo mediante o descortinar de seus tremores, de seus movimentos cíclicos que envidam suas metamorfoses.

Destarte, na compleição do texto, primo por um horizonte que ousar considerar como filosófico-antropológico, numa visada heterodoxa e, portanto, pluralista e polissêmica de compreensão desses campos entrecruzados. Assim, busco descortinar uma mirada fenomenológica de Poética/o como forma aberta e oblíqua de interpretação e de compreensão dos fenômenos humanos,

desde suas múltiplas vertentes, no dinamismo dos fluxos vivos dos acontecimentos do suceder contingente. Avento meditações/pensações que buscam compreender as ambiguidades, as opacidades, as indeterminações, os paradoxos, as contradições e movimentos que constituem as questões humanas, a condição humana.

Nesse rumo, pretendo e propugno a/o Poética/o como uma forma de compreensão crítica e problematizante, portanto, não monológica nem fixista – muito longe dessa vertente – e sim dialógica e tensiva, aberta e pluralista.

Nessa empreitada procuro dialogar com alguns/as autores/as como Paz (1986 e 1990); Castro (2004); Morin (1998; 2002); Bachelard (1988a; 1988b; 1990); Heidegger (2002); Leyra (1995); Glissant (2005); Pessanha (2011); Junqueira (2011); Barros (2010) entre outros. Assim, explico ponderações que concebem a/o Poética/o como um prisma interpretativo, compreensivo e frutivo que potencializa essa compreensão e experimentação dos fazeres humanos, do existir humano desde os sentidos interligados e complementares de *Pathos* (paixão) e *Logos* (razão), de corporeidade e de racionalidade, do material/orgânico e do simbólico.

Nessa vertente, avento uma perspectiva fenomenológica de Poética/o que potencializa uma compreensão, bem como, uma experimentação/fruição dos fenômenos humanos, tanto em sua dimensão teórica quanto vivencial – a ideia de práxis –, tanto pregnante/corpórea quanto anímica/espiritual. Poética/o como espectro que compreende esses fenômenos humanos, as culturas e a condição humana como constituídas de modo polissêmico e heterogêneo, marcadas por ambiguidade e indeterminação. Como campo da imprecisão que ultrapassa as monossemias das linearidades pragmáticas e funcionais, das esferas do cálculo e do mensurável que predominam nos modelos e formatos lógico-formais, e que se descortina nas esteiras do transversal, da imprecisão, da multiplicidade, do curvilíneo. Como abordagem que procura fissurar as fôrmas unívocas das uniformidades e afirmar as formas fractálicas das pluriformidades.

Nesse horizonte compreensivo, da/o Poética/o, Junqueira (2011, p. 60) refere-se a uma perspectiva hermenêutica que pretende superar os “preceitos metodológicos e metafísicos *a priori*”. Assim, a/o Poética/o alude a uma interpretação e a uma compreensão direta, viva e movente que atravessa o jogo tensivo que impele o real. Uma visada polilógica e polifônica que, portanto, realça a multiplicidade, as contradições e os paradoxos que configuram o real, os fenômenos da vida e, desse modo, tenciona traduzir suas manifestações desde sua radicalidade e vigor originários. E Junqueira (2011, p. 68) arremata: “A Poética é, nesse sentido, o acontecer da linguagem como fundação e ampliação de sentido. É a linguagem viva, livre de toda e qualquer instrumentalização”. Forma viva que, assim, explode as armaduras das formas fôrmas paralisantes e potencializa a expressão livre dos pensares e sentires, dos Sentidos humanos.

Leyra (1995, p. 37) proclama que “*Poiesis* implicaría, en consecuencia, acción, pensamiento poetizante; un pensamiento activo, creador [...]” A/o Poética/o opera a ruptura dos conceitos como representações fixas e cristalizadas que recalcam e aprisionam o dinamismo do vigor seminal e inaugural do ser sendo, a vivacidade do emergir dos acontecimentos. Revela o constelar do pensamento como imagem criante, instaurador de ideias encarnadas na nervura do viver que entrecruzam o sensível e o inteligível, as dimensões femininas e masculinas – a androginia – de nosso

existir. A/o Poética/o anuncia o fluir incessante do surgir, do pulsar do acontecimento, o deixar fazer eclodir, de modo livre, as dimensões, as potencialidades vastas e fundas que perfazem as coisas, os fenômenos, a vida em seu vigorar seminal. Desse modo, a/o Poética/o alude ao inaugural, à ascensão do novo em seu jorrar espantador. Refere-se ao estado de dis-posição, de abertura, de despojamento do corpo e do espírito (*corpoespírito*), do coração e da razão, do sentir e do pensar, como instâncias visceralmente interligadas e complementares, para os imponderáveis, as ambiguidades, as incertezas, as indeterminações que constituem a condição humana em nosso ser sendo no mundo.

Heidegger (2002, p. 180) ponteia que “Se o poético acontece com propriedade, o homem habita esta terra poeticamente” fruindo o vigorar de seu estar originariamente no mundo com os outros, cultivando e cuidando singularmente da humanidade do humano, do seu “claro enigma” (ANDRADE, 2012).

Para Junqueira (2011, p. 62) “*Poíesis* é a ação de conduzir o real do não-vigente para o vigente”. Podemos conceber o real – palavra que descende de *res*, coisa – como expressão de tudo o que existe, em suas múltiplas dimensões, tanto de modo tangível como intangível; como tudo que se cria e se recria constantemente nos fluxos do dinamismo de seus processos. Esses processos de criação e de recriação que fazem viger a vida, os fenômenos, as coisas, constituem-se em ações poéticas.

Castro (2011, p. 41) afirma que “A Poética é o profundo respeito ao próprio de cada um”. Assim, esta faz emergir, viger o que é próprio e originário de cada ser nos influxos de seu acontecer, de seu suceder. Fazer viger traduz-se na emergência da energia, da pulsão vital de cada ser ou fenômeno em seu estado singular e próprio. Nesse rumo, a/o Poético/a revela o estado vertiginoso de cada ação, de cada acontecimento em seu arco nascente, em seu frescor original, em seu dinamismo vivo. Forma de linguagem viva que, com a potência de sua plasticidade, explode as fôrmas instrumentais e fechadas das linguagens mecânicas e glaciais e faz despontar modos de pensar e de sentir abertos e vivazes em nossa relação com o mundo.

Esse horizonte compreensivo de Poética/o realça as intensidades de suas características pregnantes e anímicas. Pregnantes na proporção em que nos afeta a musculatura emocional, as texturas da corporeidade, o pulsar das sensações, a nervura de nossa carne existencial. Anímico ao mover os espectros da alma encarnada na nervura do corpo, em suas potências vitais e sutis; ao potencializar a expressão do espírito de fineza, da delicadeza do ser.

Junqueira (2011, p. 74) também pontua que a Poética anuncia “A surpresa, a irrupção do extraordinário [...]”. Rompendo com a ordem rotineira do ordinário, da cadência mecânica do instituído, a presença da/o Poética/o nos precipita nos desvãos do extraordinário nos envolvendo com as brumas de seus jorros alvarescentes que espantam, assombam e desinstalam, que descortinam o vigor do novo, do surpreendente. Bárcena (2004, p. 14) afirma que “Lo poético se introduce entonces como un delírio de la palabra lleno de silencio, como el momento del puro comienzo donde podemos inventar de nuevo una lengua que nombra el conocimiento”. Nos meandros dos enigmas do silêncio, o poético nos põe em estado de delírio, de estranhamento, nos compelindo aos começos originantes donde podem rebentar o vicejar do extraordinário.

Pessoa (1980, p. 35) proclama: “Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo”. A/o Poética/o nos dispõe para o espanto que causa vertigem no ritmo do suceder de cada

momento na proporção em que somos atravessados pelo vigor originário de cada novidade, do pulsar de cada acontecimento. Vigor que, com a vibração de suas intensidades, comove e arrepia inaugurando novos olhares, novas sensibilidades e novos horizontes.

A perspectiva do/a Poética/o, em seu espectro polifônico e oblíquo, nos interpela e adentra pelos confins incomensuráveis dos paradoxos humanos, pelas curvas das incertezas, pelos laços das encruzilhadas, pelas searas das ambiguidades, pelos desvãos das indeterminações como dimensões constitutivas da complexidade do humano, da pluriversidade da cultura humana.

Glissant (2005, p. 103) assevera que

[...] a visão poética permite viver com a ideia da impossível previsão porque ela possibilita conceber essa imprevisibilidade não como um dado negativo, mas sim positivo, e ela permite igualmente mudar nossa sensibilidade sobre essa questão, o que nenhum conceito ou nenhum sistema conceitual poderia fazer. Isso significa que uma intenção poética pode permitir-me conceber que na minha relação com o outro, com os outros, com todos os outros, com a totalidade-mundo, eu me transformo permutando-me com este outro, permanecendo eu mesmo, sem negar-me, sem diluir-me.

A compreensão poética nos incursiona pelas trilhas do imprevisível, do impreciso, das incertezas que povoam as contingências do cotidiano, das vicissitudes do existir, das relações que rendamos com os outros. Desprovidos de modelos fixos e fechados podemos nos desprender de conceitos e de preconceitos que operam como fôrma para nos envolvermos nos influxos dos trânsitos, dos movimentos entre os diversos, entre as diferenças, entre os diferentes. Assim, podemos nos dispor, no deambular do suceder dos eventos, para o inusitado, o inesperado, potencializando descobertas e fruições surpreendentes e envolventes. Imbuídos de um “pensamento poético” (GLISSANT, 2005, p. 103) que se plasma desde a vertigem das errâncias, das *itinerrâncias* das travessias, desde as aberturas, as curvas e os dobramentos dos caminhos, podemos penetrar, com intensidade e despojamento, nos enigmas e paradoxos, nas tortuosidades e indeterminações do viver.

O arco de compreensão da/o Poética/o atravessa e potencializa a emersão dos campos da heterodoxia, de visões de mundo pluralistas, que ultrapassam as ortodoxias, as linhas retas e enrijecidas da homogeneidade. Configura um horizonte transdisciplinar que borra fronteiras rígidas e fragmentadoras. Assim, traduz uma forma de compreensão e de construção de conhecimento em que se entrecruzam, de modo in-tensivo e interligante, a Arte, a Ciência, a Filosofia e as Tradições espirituais/ancestrais como fulcros estruturantes de nosso existir e coexistir. Portanto, uma forma de compreensão e de fruição que potencializa relações dialógicas e complementares entre as dimensões sensíveis e imaginárias da Arte, empíricas e funcionais da Ciência, racionais e espirituosas da Filosofia, e sábias e primordiais das Tradições espirituais/ancestrais.

Glissant (2005, p. 133) acentua que “Toda poética constitui uma rede”, um trançado que entrelaça nossos sentidos perceptivos para uma compreensão e uma fruição visceral e penetrante do dinamismo vivo das teias de inter-relações que plasmam as proezas humanas. O espectro da/o Poética/o se traduz numa compreensão rizomática e caleidoscópica da complexidade do humano na proporção em que nos envolve nas tramas de seus encurvamentos, de sua movência, de seus cruzamentos, de sua disformidade, de suas opacidades, de sua diversidade, vislumbrando uma compreensão e uma vivência intensiva dos feixes de Sentidos que plasmam o humano.

Essa percepção/compreensão em forma de rede aborda o complexo como aquilo que é

tecido junto (MORIN, 2000) e nos potencializa um modo de olhar (pensar e sentir) transversal que afirma e realça nossa relação de co-pertencimento complementar e interdependente com os seres humanos, bem como, com todos os seres vivos que compõem o ecossistema vivo. O olhar da/o Poética/o, ao mobilizar, de modo imbricado, o pensar e o sentir, suscita a presença de todos os nossos sentidos perceptivos para uma percepção, uma compreensão e uma fruição expressivamente vasta e transversal acerca dos fenômenos, da vida. Dessa forma, podemos urdir significados e Sentidos que traduzem a inteireza da complexidade humana com maior proximidade, de modo pregnante e anímico.

Poética/o como horizonte compreensivo que atravessa e insufla as instâncias do simbólico ao potencializar a religação e a interligação estruturante e complementar entre razão, intuição e afecção na sedimentação dos significados e dos Sentidos humanos. O simbólico trança nossos imaginários através do dinamismo de imagens que reúnem e entrelaçam significados e Sentidos diversos na tradução da multiplicidade que perfaz os fenômenos das culturas. A plasticidade dos símbolos proporciona uma relação porosa, aproximada com as intensidades das experiências vividas, com as ambiguidades e sinuosidades do viver contingente. Atravessa, de modo envolvente e espantador, tanto os sentidos do pensar crítico e espirituoso, como os sentidos do sentir orgânico e mobilizante. Suscita a imaginação criante, as potências sensíveis. (ARAÚJO, 2015).

A compreensão e a fruição da/o Poética/o proclama e afirma a expressão de uma “Razão sensível” (MAFFESOLI, 1998) que, portanto, revela um pensar meditativo e problematizante que não se desencarna da pregnância, da nervura do vivido, das texturas e do dinamismo dos fluxos tensoriais do viver contingente. Faz constelar uma inteligência que afirma sua etimologia originante, *intus legere*, que, assim, lê de dentro; um pensamento, um saber imbuído de *sápere*, que tem gosto e sabor e, assim, vai além das ideias e saberes abstratos e insípidos, descontextualizados e amorfos. Uma Poética que constela uma “Razão-Sentido” (ORTIZ-OSÉS, 2003) encharcada do vigor dos conteúdos contaminados pelos significados e Sentidos existenciais e coexistentes que nos perfazem. Que inclui e atravessa o saber, em seus significados e características técnicas, operacionais e pragmáticas, e vai além, ao adentrar nos flancos da sabedoria em que são sedimentados os Sentidos, os valores humanos primordiais, a busca da temperança, do espírito de fineza.

Nessa perspectiva, a/o Poética/o se traduz mediante a expressão e a presença de olhares oblíquos e pluralistas que, desse modo, vislumbram e percebem os fenômenos, os fazeres humanos, as coisas, a partir de repertórios e de formas plurilógicas, abertas e desprendidas que procuram ultrapassar as visões e as posturas monológicas e unívocas que reduzem o real a modelos fechados e empadronados. Assim, a Poética rompe com os olhares unidirecionais e fixistas, com as viseiras dos preconceitos que reduzem e empobrecem nossas formas de perceber o mundo através dos modelos monoculares e apontam para a vastidão dos horizontes da multiplicidade, da diversidade dos nomadismos das encruzilhadas. Transita no dinamismo dos fluxos, das curvas, das mutações e das metamorfoses do devir, das reentrâncias de nosso estar sendo no mundo.

O horizonte da/o Poética/o vai além da literalidade das palavras, dos textos, das vertentes meramente denotativas, técnicas e operacionais que norteiam a funcionalidade das pragmáticas que tendem a prevalecer no cotidiano das instituições sociais, das relações sociais. Essas pragmáticas, de

modo geral, são condicionadas por percepções meramente mensuráveis, monossêmicas e funcionais. A/o Poética/o nos norteia, como já acenamos, para as vertentes da polissemia, da polifonia, das interpretações heterogêneas atravessando as esferas do simbólico em que os olhares entrecruzam e religam as múltiplas dimensões que perfazem os fenômenos, a vida.

Uma compreensão poética implica em conceber a vida em suas múltiplas dimensões, em sua pluridimensionalidade, constituída de sombras e de luzes – de lusco-fuscos –, de tristezas e de alegrias, de limites e de possibilidades diversas. Supõe considerar a *tragicomicidade* do existir humano em que se entrecruzam e se alternam ciclos e acontecimentos de tragédias e de comédias, de dores e de prazeres como expressões orgânicas e demasiadamente humanas. Implica em nos dispormos para os desafios e as in-tensidades dos fluxos tensoriais que compõem as travessias e nos interpelam para as aprendizagens e iniciações permanentes em nossa condição de seres inacabados e em constantes processos de mutação, de renovação e de transformação.

Guida (2011, p. 116) anuncia que “[...] a Poética se doa *como* travessia e *na* travessia somos lançados na tensão do *entre*. [...] Doar-se como travessia é doar-se como possibilidades, como aberturas de caminhos.” A/o Poética/o se plasma no *entre* das travessias em que se interpenetram os diversos; se projeta nos laços das encruzilhadas em que as possibilidades abertas potencializam olhares plurais, em que pulsam os nomadismos e ocorrem encontros mestiços, interculturais. Esses encontros mestiços, nas travessias das encruzilhadas, desinstalam e desconstroem os olhares monológicos e uniformes, automatizados e mecanizados das viseiras dos caminhos únicos e retilíneos – olhares anestésicos – suscitando olhares estésicos – sinestésicos – que projetam percepções abertas e transversais, moventes e pluriformes. Guida (2011, p. 111) fala de “Um olhar opaco que olha e não vê. Um olhar contaminado pela automatização e que nos impede de *ver* o extraordinário no ordinário, impede-os de *ver* os milagres que habitam o *ser-no-mundo*.” (Grifos da autora). O olhar oblíquo e arejado proporcionado pela perspectiva da/o Poética/o se configura de modo policrômico e recurvado e nos impele aos horizontes do extraordinário, do surpreendente, da percepção dos enigmas das miudezas, das sutilezas, das *inutilidades* (BARROS, 2010).

A/o Poética/o, ao nos provocar assombros, nos convoca e interpela para atravessarmos as sombras que nos perfazem. Incita-nos aos entranhamentos nas internidades que nos povoam, nos ermos das geografias que evocam os territórios de dentro nos conectando diretamente com nossas finitudes e incertezas, com nossos paradoxos e imponderáveis, com nossas porosidades e fissuras. Interpela-nos para as escutas internas que tanto descuidamos com a prevalência das coisas e expedientes externos. Insufla-nos para o cuidado com a aventura interior, com o autoconhecimento ao penetrarmos nas camadas de nossos recônditos atravessando nossos tumultos e remansos, opacidades e clareiras.

Os estados de espanto e de admiração que a/o Poética/o suscitam nos jogam nos arcos da exclamação, nas futucadas da interrogação, nos pulsares e reentrâncias das curvas e dobras que nos instigam e movem. Provocam desinstalações e agonias que impulsionam sentires e pensares, que instigam nossa imaginação criante para que possamos reimaginar e reinventar a vida cotidianamente.

O trançado da/o Poética/o nos incursiona no *ethos* vivo que consubstancia nossos repertórios culturais plasmados por valores e crenças que dão vigor e robustez ao nosso existir e

coexistir desde a cepa das tramas do viver cotidiano, desde os fulcros moventes de nossas tradições culturais. Esse *ethos* compõe as redes de nossos laços afetivos, dos tons de nossas crenças, dos desenhos de nossos modos de ser e estar sendo com os outros. Paz (1986, p. 154) proclama que “La experiencia poética es una revelación de nuestra condición original.” Emana desde a radicalidade dos fulcros seminais que constituem o núcleo vigoroso de nossas origens, de nossa ancestralidade.

O horizonte da/o Poética/o atravessa e projeta, de modo intensivo, o estofo da corporeidade em sua compleição biocultural, portanto, orgânica e simbólica, tanto na esfera existencial como na coexistencial. Traduz os aspectos afecionais/sensíveis, energéticos e racionais da corporeidade como constitutivo biocultural que descortina sua textura biofísicoquímica de modo entrelaçado com seu espectro simbólico. Corpo carne em que, desse modo, circula essas substâncias biofísicoquímicas imbricadamente com os repertórios simbólicos traduzidos pelos valores, crenças e cosmovisões; pelos feixes de sentires e de pensares que nos perfazem. Corpo selvagem impelido por sua nervura prenha, pela densidade de seus instintos mediante a relação de coexistência visceral com seu espectro anímico. Corpo que se desdobra e acontece existencialmente através das tramas das redes e dos fluxos das experiências vivenciadas que urdem e sedimentam significados e Sentidos.

O ESTADO POÉTICO

O estado poético é esse estado de encantamento.

Mikel Dufrenne

O poético atravessa, com seu vigor, toda arte, todo desencobrimento do que vige na beleza.

Martin Heidegger

Essa parte do texto se traduz numa versão revista, atualizada e expandida de uma primeira publicação feita em 2017 no livro “Tempo, cultura, linguagem: reflexões sobre a área de conhecimento do Desenho e algumas implicações” (ARAÚJO, 2017).

Como estado e condição em que se manifesta, de modo constelar, o espectro fractálico da Poética, o estado poético se instala nos territórios em que se busca o cuidado zeloso com a sensibilidade humana, com a gratuidade do existir, com suas *inutilidades*, com a fineza do ser sendo com, com as coisas simples que desbordam da alma e do coração. Castro (2004, p. 89) afirma que “[...] o Poético acontece como a gratuidade do que não é útil”. Sucede na franja das coisas inúteis em que jorram a graça do ínfimo, do singelo, do que não tem preço, do que se aloja na esfera dos valores primordiais. Traduz os meandros dos Sentidos essenciais que dão substância e realçam os enigmas e horizontes vastos do humano, da condição humana.

Paz (1986, p. 142) assevera que “El hombre es un ser que se asombra; al asombrarse, poetiza, ama, diviniza.” Os assombros do mundo nos interpelam e nos entranham nos confins do poético; nos instigam para o lapidar da sensibilidade que nos dispõe para as instâncias divinas e profanas da saga humana. O poético, que traduz o elã do estado nascente das coisas, faz pulsar a vertigem que arrepiam e faz vicejar com o sopro de seu vigorar seminal; nos dis-põe, interpela e convoca, de corpo e alma, para a fruição das proezas do existir cotidiano com o fremir da corporeidade e a vibração quântica do espírito, em seus fulcros originários.

O poético revela a “epifania do sensível” (DUFRENNE, 1969, p. 105) na proporção em que emerge desde dentro do imanente, do nosso ser contingente, de nossa tangibilidade e nos projeta no transcendente, na intangibilidade, mediante a intensidade de seus feixes en-volventes; faz-nos penetrar na nervura e no âmago dos acontecimentos. Dessa forma, podemos tocar melhor suas texturas e relevos, vislumbrar suas opacidades e clareiras, sentir melhor suas umidades e securas, seus odores e sabores, as vibrações de suas policromias. O poético, ao nos proporcionar o degustar do admirável, nos comove e convoca para as intensidades dos desafios e das jornadas existenciais e coexistenciais imbuídas dos feixes de paixões e de razões viscerais.

O estado poético nos enreda pelos enigmas do existir e nos implica nos desvãos de suas curvaturas e labirintos imponderáveis. Barros (2004a, p. 45) verseja “Sou um sujeito cheio de recantos. Os desvãos me constam”. Esse estado de poeticidade nos precipita nos meandros de nossos recantos internos, nas teias incontornáveis de nossos ermos. Nos dis-põe para os encontros que comovem com os vazios e as *cheiúras*, os rasgos e os lampejos, as imprecisões e frestas que conformam o humano, demasiadamente humano; adentra-nos nos confins de nossas dimensões imaginárias, do fabular, em que habitam as imagens incontornáveis que plasmam nossas crenças, sentires e valores marcados de vastidão, reentrâncias e fundeza.

Dessa forma, o poético estrutura-se nos meandros de nossos imaginários, constituindo-se, assim, pela plasticidade e pela policromia das imagens que são sedimentadas em nosso inconsciente individual e coletivo. Imagens que são configuradas como repertórios transversais de formas e de símbolos, de sonhos e utopias, de penumbras e de clareiras que perfazem as camadas de nossa intuição, de nossas afecções (emoções e sentimentos), de nossa corporeidade, de nossa consciência meditativa, de nossa espiritualidade, com suas desmesuras e vastidão (ARAUJO, 2008).

A abertura que o estado poético proporciona aos sentidos perceptivos incide na expansão de nossa consciência compreensiva para olhares marcados de expressiva amplitude e intensidade, para compreensões e fruições significativamente aproximadas e entranhadas da nervura dos fenômenos do existir desde suas ambivalências e polifonias.

Bachelard (1988b, p. 8) anuncia um “logos poético” que impulsiona um pensar imbuído de paixão e de razão, do sensível e do inteligível; um pensar meditativo e tensionante que traz em seu bojo as inquietudes que pulsam na carne e no espírito humanos. Bárcena (2004, p. 261) deslancha que “En lo poético, el otro es un acontecimiento delirante del yo: lo que llama, reclama, altera o ponde em cuestión”. O estado poético aventa uma relação envolvente e arrepiante com os outros, uma escuta que clama e suscita questões, interrogações que inquietam e lançam desafios.

Esse estado de poeticidade nos mergulha nas esferas do ontológico ao nos adentrar na expressividade originária e originante do ser – do ser sendo –, nos fluxos in-tensivos de suas ondas e partículas, de suas luzes e sombras, de seus tons agrídoces. Ser-sendo que se revela e se descortina nos influxos abertos das ondações dos acontecimentos, das questões humanas que nos interpelam.

As franjas do estado poético resvalam a penumbra do crepuscular – entre as margens da clareira do dia e do breu da noite –, em que o dia e a noite, no limiar, se interpenetram e copulam matizando a fineza dos tons que tocam no incomensurável e que arrebatam de espanto com o fulgor de sua imensidão suprema. Projetam-se nas brumas prateadas da lua cheia que enfeitiça os

corações e almas, infundindo encantação com as dobras dos véus de seus mistérios. O estado poético é composto pelo entrelaçamento do *solunar* em que sol e lua se entrelaçam; põe-nos à escuta dos murmúrios que ressoam dos silêncios das montanhas.

Destarte, o estado poético nos dis-põe e interpela para estabelecermos uma relação de abertura e de intimidade para com a *tragicomicidade* do viver, em que procuramos nos enredar na saga dos desafios da tragicidade, da dramaticidade (rasgos, angústias...) do cotidiano, bem como, simultânea e alternadamente, em sua comicidade (contentezas, alegrias...), em seus jogos graciosos, na perspectiva de, in-tensivamente, entrecruzar essas instâncias como estruturantes e co-determinantes do humano.

Castro (2011, p. 24) realça que “Ser poético é libertar, emancipar, *para* essas possibilidades sempre inaugurais”. (Grifo do autor). O poético, intrinsecamente, se revela como arco libertário emancipador dos grilhões e servidões que nos escravizam; impulsiona estados de mutações e de transformações inaugurais, evolucionários. Nas esferas do estado poético, se projetam rebeliões impetuosas mediante levantes que erguem os estandartes das liberdades, das utopias primordiais que compõem os repertórios arquetípicos da condição humana, da humanidade, nas singularidades de cada diversidade humana – nossa uni-diversidade. Levantes que desinstalam os estados do ordinário, com sua ordem compressiva, com seu bolor cinzento, e que evocam o extraordinário, com sua pulsão originante, com seu tom esverdecente. O estado poético nos dis-põe para os riscos e perigos dos bons combates imbuídos de delicadeza, coragem e audácia.

O sopro inaugural/inaugurante do poético instaura o advento do ser-sendo em suas constantes mutações e vertentes marcadas de inefabilidade e vastidão; faz brotar o elã vital do anímico; precipita-nos entre os desvãos do abismo, da terceira margem em que o humano e o divino se encontram, adentrando-nos, assim, na policromia dos feixes do arco-íris. Na terceira margem, podemos penetrar nesse estado anímico em que os Sentidos que jorram as intensidades de nossos existires, constelam espirtualidade e expansividade, na pregnância paixonal do humano. Morin (2002, p. 138) proclama: “O estado poético dá-nos o sentimento de superar os nossos próprios limites, de sermos capazes de comungar com o que nos ultrapassa”, nos levando “ao estado de graça” de vivências seminais.

O estado poético é suscitado pela inquietude de nosso *daimon* como força interior que perturba e faz rebentar as intensidades que crepitam nos quadrantes da subjetividade, dos implícitos de nosso existir. Assim, nos compele aos riscos e desafios alvissareiros, nos impelindo a garimpar as preciosidades que ficam escondidas nos subterrâneos da alma e do coração, e que, portanto, carecem da altivez e da audácia do espírito para que sejam descobertas, lapidadas e reveladas.

Paz (2003, p. 57) assevera que “A experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana, isto é, desse transcender-se sem cessar no qual reside precisamente a sua liberdade essencial”. O estado poético conduz às *itinerrâncias* das sendas e travessias em que o espírito bandoleiro vai singrando trilhas e urdindo venturas que alargam e emancipam nas trajetórias de nossas sagas. Assim, na contextura das errâncias, dessas *itinerrâncias*, podemos tecer as tranças das aprendizagens que fecundam e exultam; podemos alçar voos altaneiros.

O estado poético é um estado de ser em que o existir humano é, como vimos, co-movido pelo *pathos* do admirável, do espanto que arrepia o corpo e lampeja o espírito, nos dis-pondo para a fruição das qualidades que dão magnitude ao nosso ser. Morin (2002, p. 136) pondera “O estado poético é um estado de emoção, de afetividade, realmente um estado de espírito [...] proporciona satisfações carnis e espirituais”. É um estado que faz desbordar a pregnância e a polifonia dos sentidos que plasman a sensibilidade, a consciência e o imaginário, que compõem e versejam o dinamismo das texturas estésicas da condição humana. Ao impelir os impulsos estésicos, o estado poético rompe com as compressões anestésicas que homogeneizam e domesticam potencializando a expressão da plasticidade da imaginação criante, do pensar inventivo.

A trama do poético desinstala e transgride esses modelos e posturas emplastados do anestésico instalando o regime movente do estésico, da fruição pregnante do sensível, com o dinamismo de seus fluxos e metamorfoses. Esse dinamismo impulsiona a pluralidade com seus tons libertários; insufla o crisol da imaginação criante que potencializa a emergência do novo que renova e interliga os diversos infundindo alumbramento nos estados de criação – a *poiesis*.

Ao sermos flagrados pelas intensidades do estado poético somos compelidos aos desvãos do onírico, da fantasia em que bordam-se desejos selvagens e finos, bem como, desbordam-se devaneios descomunais. Bachelard (1988b, p. 15) ponteia “O devaneio nos põe em estado de alma nascente”; adentra-nos nas aventuras inaugurais na vertigem das encruzilhadas abertas, entre os recônditos do tudo e do nada, de caos e de cosmos – a *caosmose* –, como polaridades interpolares e constitutivas da incompletude humana.

Nos compassos do estado poético, podemos penetrar pelos entre-lugares mestiços em que o coração e o espírito se dis-põem para os liames que nos entrecruzam com os outros na celebração da riqueza das diferenças que, in-tensivamente, podem religar e entrelaçar; deslizamos pelos meandros do anímico aos nos iniciar entre os mistérios da *anima mundi*, em que nossas almas, dialogicamente, podem compartilhar com as demais almas do universo a dança de nosso co-pertencimento planetário, na vibração das ondas quânticas que dão ritmo e movimento à humanidade. Nesse bailado sincopado e andrógino, nossa *anima*, como dimensão feminina da alma, e nosso *animus*, como dimensão masculina desta, podem se interligar e se reconciliar na relação in-tensiva da coexistência que sinergiza e vivifica. Barbier (2003, p. 79) pontua “Toda palavra poética é corda vibrante. Uma linha de alta tensão, na verdade. Ela articula paradoxalmente uma palavra *animus* e uma *anima*”. Palavra poética como brasa, como rasgo tensorial, como imagem-símbolo que, com o ritmo volvente de sua plasticidade, arde, lava e urde o estado poético (ARAUJO, 2008).

Esse estado poético se configura também como expressão do cuidado primoroso pelo dinamismo do estético/estésico, pela fruição do belo, do admirável – da boniteza –, conjunta e complementarmente com o afinco do zelo pelo ético, pelo trato com o bem – a dignidade. Supõe a urdidura de uma po-ética e de uma est-ética soberanas.

As vertentes recurvadas do estado poético versejam as rimas do inefável no garimpar as searas dos enigmas e labirintos incomensuráveis que compõem o existir humano; vertem, nas paragens do mundo, o advento dos fluxos originários que emergem das nascentes do ser, desde seu estado selvagem e orgânico, às suas dimensões simbólicas.

Em suas ambiguidades e ambivalências, o estado poético também é rasgante impulsionado pela fremência do *polemos*, da conflitividade que nos mobiliza e nos torna vivos. Atravessa as fraturas e agonias que nos povoam nos dobramentos e desdobramentos das vicissitudes do cotidiano. Precipita-nos em abismos em que transitam as in-tensidades do belo e do feio, do doce e do salgado – do agridoce – dos desafios que provocam arrepios e tremores. Joga-nos em redemoinhos e nos precipícios das zonas íngremes e escorregadias. O poético lampeja estados de paixões que estremecem e que podem fazer rebentar gozos de prazeres desmesurados, bem como, a angústia e a agonia das fraturas que contorcem. Penetra nas precariedades e fragilidades da condição humana, podendo potencializar, com a energia e a força vital mobilizadas pela *poiesis*, processos alquímicos que transmutam a lama em lótus.

A profusão do estado poético descortina a vastidão de horizontes incomensuráveis que interpõem e interligam o finito e o infinito, a terra e o céu, estabelecendo pontes entre estes, bem como entre o dentro e o fora, a imanência e a transcendência. A plasticidade das esculturas visíveis do poético nos incursiona no orbe do invisível com suas ressonâncias e vibrações magnéticas.

Paz (1986, p. 117) declara que “la recitación poética es una fiesta: una comunión”. Comovidos pelo entramado do estado poético somos compelidos à graça dos sentimentos da simpatia e da empatia que impulsionam e podem, com ternura e desvelo, nos co-implicar com os seres humanos, com os seres do universo; que faz despontar em nós a “simpatia do todo” numa teia movente em que seus fios entretecem os filamentos da sinergia que comunga e nos faz compartilhar as proezas humanas, *ecohumanas*. Possuídos pela intensidade da sinergia do amoroso, suscitado pelo estado poético, podemos fazer jorrar o magnetismo do poder prenante da mística do altruísmo que nos entrelaça.

O estado poético é irradiado pelo sopro divino que pulsa dentro da condição existencial de cada ser, que insufla e dá ritmo ao existir; que nos inspira nas lides cotidianas ao tecermos as redes de nossos projetos e sonhos anímicos. No estado poético, o sopro de nossos deuses e deusas suspira na espiritualidade encarnada de nosso ser sendo, acende as chamas da pira que nos anima e alumia nas ondações das travessias.

Nesse horizonte, somos convocados ao cuidado com a espiritualidade, em sua acepção larga, no cultivo das energias e sinergias que, com cordialidade e amorosidade, nos entrelaçam a todos os seres vivos, em nosso co-pertencimento planetário; em que penetramos nos campos da sutileza, da energética dos valores que nos humanizam, que nos *ecohumanizam*; em que nos adentramos nos influxos das ondas quânticas do elã vital que nos fazem vicejar como humanos, na teia do inter-humano, do *ecohumano*.

As ressonâncias do estado poético constelam o mitopoético interligando a força simbólica das imagens míticas e as intensidades, a cromaticidade do poético. O mitopoético configura uma imagem-feixe, uma ideia-força que entrelaça, de modo in-tensivo, a pujança da plasticidade polissêmica dos símbolos míticos e o lampejar do estado poético. O mitopoético traduz um espectro imaginal que, com seus flancos abertos, opera a intermediação entre as instâncias internas e externas da subjetividade, do existir; que proporciona a compreensão e a fruição dos fenômenos humanos a partir das camadas incontornáveis de nossos imaginários, em suas expressões de ambivalência, de

polifonia e de obliquidade, de incerteza e de indeterminação. O mitopoético nos dis-põe para o dinamismo das torções e rasgos dos fluxos tensoriais que potencializam os partos, as metamorfoses renovadoras do existir (ARAUJO, 2008).

O estado poético também é plasmado pelo espírito nômade e aventureiro que instiga os riscos e perigos que desconcertam, desafiam e entusiasma; pelo espírito travesso e despojado da criança que se desmancha de alegria com as estripulias das revoadas de suas pipas. Suscita o espírito movediço e saltimbanco nos fluxos das paragens desgrenhadas do viver bandoleiro. O poético opera nas dobras do impulso lúdico, do constelar do riso, ao mover o espírito brincante que, com sua vadiagem, com sua leveza e despojamento, nos arremessa na dança do jogo sincopado do viver, do vivente.

As brumas do estado poético nos precipitam em instantes de experiências profundas que impulsionam muita vibração; arrebatam-nos em momentos de impulsos e de arrepios que espantam e co-movem. Esse estado de espantação, de mobilidade in-tensiva, engravida o espírito criante e a sensibilidade imaginária que nos impelem à *autopoiesis* (autocriação), à *ecopoiésis* (processos de criação envidados com os outros, na teia planetária), às utopias que apaixonam e vicejam os fluxos do existir e do coexistir.

O estado poético, como já vimos, instala a abertura de nosso ser-sendo para o inusitado, para o surpreendente. Heidegger (2002, p. 168) assevera que “Quanto mais poético um poeta, mais livre, ou seja, mais aberto e preparado para acolher o inesperado”. A experiência com o estado poético proporciona essa dis-posição, esse despojamento, esse voo livre do espírito para o acolhimento do diferente, do inesperado, das aragens do imponderável; nos dis-põe para uma escuta zelosa dos enigmas e paradoxos, do disforme e do incontornável. Interpela-nos para o tremor do extraordinário, para o olhar entusiasmante, para a “eterna novidade do mundo” para “o sentimento do mundo” (ANDRADE, 2000, p. 133), para os renascimentos que nos alvorecem nas intensidades dos estados de alumbramento. O estado poético nos conduz às buscas do espírito de fineza que nos possibilita garimpar e lapidar, com delicadeza e altivez, os desvãos agrídoces e tragicômicos do existir humano, da condição humana.

A fruição do estado poético, desde nossas dis-posições prenhas e anímicas, revela-se mediante a expressão dos modos mais diversificados de nos relacionarmos com as contingências e fenômenos em nossos devires cotidianos. Podemos ilustrar aqui alguns exemplos que potencializam essa fruição como: o estado de vertigem diante das encantações do crepúsculo, do plenilúnio, do arco-íris, da dança dos voos da borboleta e do beija-flor, do sorriso de uma criança, dos arrepios de um abraço; dos espantamentos diante de um filme extraordinário, de uma leitura penetrante, da escuta de uma canção tocante, dos versos inefáveis de um poema, de uma pintura, de uma dança e de uma *performance* arrebatadoras; da simplicidade e da sapiência de um sábio ancestral; da contemplação e da meditação proporcionada pelos símbolos mitopoéticos das diversas tradições; da grandeza incontornável das coisas pequenas – das *inutilidades*.

REMATANDO

Desde as considerações explicitadas, o horizonte, o espectro da Poética, do estado poético traduz-se como esse estado de dis-posição, de abertura fractálica de nossos sentidos perceptivos, de

nossa consciência compreensiva, do laço de nossa sensibilidade e de nossa espirtualidade para uma forma de compreensão e de fruição dos fenômenos humanos, das coisas humanas, do existir e do coexistir humanos a partir do viger da *poiesis*. Ou seja, dos modos originários e originantes em que jorra o vigorar seminal destes fenômenos, do existir, que potencializam o emergir de nossos fazeres e criares. Fazeres e criares que, na trama das polifonias e polissemias que perfazem seus símbolos, são imbuídos da força nascente de nossas singularidades e se desdobram nos feixes de nossas pluralidades. A/o Poética/o, visceralmente, implica no despontar do fulcro germinal, impulsiona a insurgência das sendas abertas, do inaugural; a eclosão do extraordinário, o constelar da “eterna novidade do mundo”.

O prisma da Poética, do estado poético, ao entrelaçar *Pathos* e *Logos*, suscita o emergir dos fluxos do espanto e da admiração, da perplexidade e das inquietações que nos interpelam, movem e insuflam no trilhar as dobras e curvas das travessias, dos laços das encruzilhadas que atravessamos impelidos pelas intensidades dos desafios de nosso ser sendo no mundo com os outros. Potencializa a abertura do corpo e do espírito, do *corpoespírito* – do “logos poético” – para o insurgente, o imprevisível e o surpreendente; para o pluriverso dos Sentidos humanos. Dispõe-nos para as proezas agrídoces da *tragicomicidade* do existir. Desse modo, nos adentra nos meandros dos paradoxos e imponderáveis da complexidade humana, nos flancos de suas ambiguidades e incertezas, contradições e tortuosidades.

O trançado da Poética, do estado poético, insufla a ruptura do anestésico que comprime e homogeneiza, e fomenta a plasticidade do estésico caracterizada pela expressão do jogo sincopado, da fluidez do movimento, do impulso lúdico, da imaginação criante, dos lampejos da policromia. Nesse rumo, podemos perceber, compreender e fruir os fenômenos, a vida, desde o seu pulsar originário, na movência de seu dinamismo, de suas obliquidades e de sua vivacidade com todos os sentidos juntos, interligados. Assim, estabelecemos com o mundo, com o viver contingente, uma relação pregnante/orgânica e anímica/simbólica em que penetramos nas intensidades e nas extensidades dos núcleos das experiências, dos laços que nos entrelaçam uns com os outros movidos por nosso ser sensível e espirtual.

Nos desvãos da Poética, do estado poético, atravessamos o campo dos significados, da pragmática, do funcional, do saber técnico e operacional – das instâncias do ter, da quantitatividade –, afirmando suas relevâncias e pertinências, e, incluindo-os, podemos ir além destes descortinando as esferas dos Sentidos, dos valores humanos primordiais, das *inutilidades*, do “sentimento do mundo” – das instâncias do ser, da qualitatividade – vislumbrando as rodas da sabedoria.

Nos territórios da Poética, do estado poético afirmamos a máxima versegada por Manoel de Barros de que “É preciso transver o mundo” (BARROS, 2004a, p. 75). Ou seja, nesse espectro fractálico da Poética, do estado o poético, é preciso olhar, farejar, tocar, escutar e degustar com desvelo, vastidão e desprendimento, para, assim, perceber, sentir e pensar o mundo desde horizontes oblíquos, pluriformes e polissêmicos.

Destarte, transver o mundo, a vida, implica em estarmos com os sentidos perceptivos e compreensivos desnudos e arejados, desprendidos das formas fôrmas para que possamos atravessar poeticamente as reentrâncias, as in-tensidades dos interfluxos, a rotação sinuosa dos movimentos

cíclicos das estações do devir, do suceder vivente. Para que nos impliquemos, de modo envolvente, com as estampas entrelaçadas do arco-íris como tradução da cromaticidade da vida, dos entretons de nossos compassos existenciais e coexistenciais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.
- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. O estado poético. In: TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa (Org). *Tempo, cultura, linguagem: reflexões sobre a área do conhecimento do Desenho e algumas implicações*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. A imagem, o imaginário e a imaginação como expressões transdisciplinares. In: TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa (Org). *Desenho & visualidades*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. *Os Sentidos da Sensibilidade: sua fruição no fenômeno do educar*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- ARIAS, Patricio Guerrero. Corazonar el sentido de las espistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes para construir sentidos otros de la existencia (Primera parte) *Calle14: revista de investigación en el campo del arte*. Universidad Distrital Francisco José de Caldas Colombia
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. Os pensadores. Volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- BACHELARD, Gaston. *Fragmentos de uma poética do fogo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
- BARBIER, René. Palavra educativa e sujeito existencial. In: BERGER, Gui e outros. *Educação e pluralidade*. Brasília: Plano Ed., 2003.
- BÁRCENA, Fernando. *El delirio de las palabras: ensaio para uma poética del comienzo*. Barcelona: Herder, 2004.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre o nada*. Rio de Janeiro: Record, 2004a.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 2004b.
- CASTRO, Manuel Antônio de. A Poética como vigência do próprio na época da técnica. Entrevista com. In: PESSANHA, Fábio Santana; BARBOSA, Bianka; FERRAZ, Antonio M.; CALFA, Maria Ignez de S. (Orgs.). *Poética e diálogo: caminhos de pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2011.
- CASTRO, Manuel Antônio de. (Org) *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- DUFRENNE, Mikel. *O poético*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ELIOT, T. S. *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2005.
- GUIDA, Ângela. Que é isto, a Poética? In: PESSANHA, Fábio Santana; BARBOSA, Bianka; FERRAZ, Antonio M.; CALFA, Maria Ignez de S. (Orgs.). *Poética e diálogo: caminhos de pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2011.
- GUIMARÃES, Roberto Lyrio Duarte. Poesia. Poética. Poético. In: *Revista Cine Cachoeira*. Ano IV V. 7, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- JUNQUEIRA, Leandro. A poética da obra de arte. In: PESSANHA, Fábio Santana; BARBOSA, Bianka; FERRAZ, Antonio M.; CALFA, Maria Ignez de S. (Orgs.). *Poética e diálogo: caminhos de pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2011.
- LEYRA, Ana María. *Poética y transfilosofía*. Madrid: Ed. Fundamentos, 1995.
- LEZAMA LIMA, José. *A dignidade da poesia*. São Paulo: Ática, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- MORIN, Edgar. *Amor poesia sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- NUNES, Benedito. *Passagem para o poético. Filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática, 1992.
- ORTIZ-OSÉS, Andrés. *Amor y sentido: una hermenéutica simbólica*. Barcelona: Anthropos Ed., 2003.
- ORTIZ-OSÉS, Andrés. *Metafísica del sentido: una filosofía de la implicación*. Bilbao: Universidad de Deusto, 1989.

- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PAZ, Octavio. *La otra voz. Poesia y fin de siglo*. Barcelona: Ed. Seix Barral, 1990.
- PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. Mexico: Fondo de Cultura Econômica, 1986.
- PESSANHA, Fábio Santana; BARBOSA, Bianka; FERRAZ, Antonio M.; CALFA, Maria Ignez de S. (Orgs.). *Poética e diálogo: caminhos de pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2011.
- PESSOA, Fernando. *Ficções de interlúdio/1: poemas completos de Alberto Caieiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- POUND, Ezra. *A arte da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- REVILLA, Carmem (Org.). *Claves de la razón poética: María Zambrano un pensamiento en el orden del tempo*. Madrid: Ed. Trotta, 1998.